



Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

CONVENÇÃO INTERNACIONAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA

Durante milénios, as leis que regeram Civilizações e Povos consideravam as crianças como propriedade dos pais — sobretudo do pai, já que o lugar da mulher era também escasso — e praticamente ignoravam-nas.

Só no século passado começa a esboçar-se uma atenção especial para elas, para o valor potencial que elas representam numa sociedade em mutação constante e cada vez mais veloz, que se quer orientada para metas de progresso social em que a justiça proporcione a cada homem condições mais reais de bem-estar e fraternidade que os tornem mais feliz e alicerces a paz entre todos.

O século XX viria acelerar o crescimento desta consciência; e já em 1924 «a Declaração de Genebra estabeleceu que a criança merece o melhor que a humanidade tem para dar».

Em 1959, a Assembleia Geral das Nações Unidas redigiu e espalhou por todo mundo a Declaração Universal dos Direitos da Criança, em dez pontos que, anos atrás, foram reflectidos no nosso jornal.

Finalmente, em Novembro passado, a celebração os trinta anos da dita Declaração, ainda a ONU produziu novo documento, a Convenção Internacional dos Direitos da Criança que, em doutrina, não acrescenta muito à Declaração, mas tem por objectivo *comprometer* os países que a assinaram (e foram mais de vinte, segundo a notícia a que me reporto) a pôr em prática os princípios da Declaração, dando-lhe a força de obrigação legal assumida «pública e internacionalmente».

A verdade é que, se a consciência dos homens acordou já (vai em dois séculos...) para a especificidade da criança no tecido social a reclamar tratamento especial, na prática não se tem adiantado muito no efectivo respeito dos direitos que se lhe reconhece. É assim — ao que parece — mais ou menos, por todo o mundo.

Nos países do Terceiro, a fome e as condições sanitárias permanentes de molde a dizimar anualmente 14 milhões de crianças (a fome, um terço; e as doenças não prevenidas nem remediadas, dois terços). Oitenta por cento das que vivem em áreas rurais não dispõem sequer de água potável. E no capítulo da instrução, quarenta por cento das crianças entre 6 e 11 anos não frequentam a escola. Isto são dados da Unicef.

Nos países do Primeiro Mundo, nem fome nem doença. (A expectativa da longevidade na Suécia e no Japão aponta para 77 anos de vida, enquanto no Afeganistão, apenas para 39, e na Etiópia e no Bangladesh mais de sessenta por cento das crianças sofre de «desnutrição branda».) Porém, outras formas de abandono, maus tratos e exploração surgem e proliferam no seio de uma civilização do mais alto nível material.

A Convenção Internacional tem por base três princípios:

- 1) «As crianças precisam de salvaguardas especiais, diferentes das dos adultos.
- 2) O melhor ambiente para a sobrevivência e desenvolvimento das crianças é criado pela protecção e cuidados oferecidos pelo lar e família.
- 3) Os governos e o mundo adulto, em geral, deverão sentir-se comprometidos em defender os interesses das crianças.»

Os governos que assinaram a «pública e internacional», de pôr em prática estes princípios e os demais que ela desenvolve e constavam já da Declaração Universal de há trinta anos. Rever à luz destes princípios todas as suas leis e expurgá-las de quanto os contrarie. É legislar de novo e regulamentar quanto é omissão ao serviço dos Direitos da Criança.

«A preocupação com elas tem crescido continuamente», graças a Deus; mas das ideias à acção vai ainda um grande passo. É que — o relatório da Unicef no-lo diz — «são milhões de crianças que não contam mais com o apoio das famílias no atendimento das suas necessidades básicas. A Convenção Internacional dos Direitos da Criança representa a mais poderosa reflexão internacional e o mais determinado esforço para concretizar algo a esse respeito». Que assim seja!

Continua na página 3

NOTAS DA QUINZENA

O «Grilo» regressou, depois de ter andado por lá, mais de um ano. É um pequeno de 12 anos, falado, já, em O GAIATO. Recordo os dias que antecederam a sua primeira vinda.

A professora, da terra, intercedeu porque o Sérgio, seu nome de registo, estava matriculado mas não frequentava a escola. O pároco pediu para que o vadio da estrada fosse salvo, enquanto era tempo. Das freguesias vizinhas, veio recado de que um garoto andava perdido pelos caminhos, a dormir em carros queimados, a viver da pedincha. O delegado do ministério público assinou o papel a confirmar a necessidade de se lhe dar a mão, sendo acolhido na Casa do Gaiato. A família desfeita perdeu a autoridade e (porque não?) o direito a ter o filho consigo. Quem não é capaz de assumir a educação perde o direito de educar.

O filho deve crescer e ser educado na família. Quando esta falha, o direito à educação da criança deve ser acautelado por todos os meios.

Na prática, como estamos longe da coragem necessária para aplicar a lei até onde for preciso! O bem da criança está em causa. É prioritário. A saúde de um povo pede intervenções legítimas, não vá acontecer que a lei abra as portas da cadeia em vez de prevenir, abrindo as portas duma casa de educação.

O «Grilo» é um caso. O caminho dele ia dar à cela duma penitenciária. Da família desmantelada à rua é um passo. Da rua à marginalidade é uma questão de tempo. Da marginalidade à prisão é fácil e normal.

O pai do «Grilo» veio buscá-lo, há mais de um ano. Havia seis meses que estava na nossa Casa. Deu um salto no caminho certo, durante esse tempo. Ganhou confiança. Mereceu-a. Quem viesse visitar a

Aldeia dava com ele na sala dos cicerones, pronto a mostrar a sua Casa. Que lindo! À pergunta de quem o trouxe: — Como vão segurar o vadio, com as portas abertas, sem guardas, com a rua a chamar por ele? A resposta é dada, agora, pelo miúdo dos cicerones.

O pai levou-o. Estou a vê-lo a descer as escadas da casa mãe, impotente para o segurar. Disse que não podia ser. O lugar do «Grilo» era a Casa do Gaiato. Quem não foi capaz de o amar enquanto andava pelos caminhos que o deixasse, ao menos, ser amado por quem queria fazer dele um homem. Em vão. Foi-se. Ficou-nos a amargura do trabalho começado sem o podermos levar por diante. Está aqui uma fonte de sofrimento muito grande para quem vive nesta Obra.

Continua na página 3

Aqui, Lisboa!

«Para quem for capaz de meditar e refletir nas coisas da vida, não há trabalhos mais estúpidos do que aqueles que se passam quando se rouba.» (Pai Américo, in *Cantinho dos Rapazes*)

Pai Américo, variadíssimas vezes, fala da «doutrina da boa consciência» denunciando, muitas vezes com o coração amargurado, os males morais daqueles a quem se entrega. Entre eles, em passagem digna de antologia, refere o problema da mentira, raiz de muitas misérias, entre as quais a tendência para o roubo. «A mentira é um grande mal. O demónio é o pai da mentira.»

É muito difícil romper as barreiras ancestrais e as tendências perniciosas de muitos, sem que tal nos desobrigue de insistir, a propósito

Continua na página 4

PELAS CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

CONTAS/89 — Temos obrigação moral de as prestar aos nossos Leitores — de quem depende a subsistência dos nossos Pobres. Ofertas nimbadas de religiosidade, grande parte exigindo anonimato, como recomenda a palavra do Mestre.

Prestámo-las, também, ao Conselho Central do Porto da Sociedade de S. Vicente de Paulo e ao pastor da comunidade cristã em que estamos inseridos.

Por intermédio d'O GAIATO chegaram 2.727.158\$00, mais 12.079\$00, doutras proveniências.

Em auxílios domiciliários deixámos 1.569.493\$00 para se manterem lareiras acesas e suprindo, em boa parte, as degradadas pensões das Viúvas — que permanecem, assim, algo marginalizadas no contexto da Segurança Social; e acorremos também a Pobres da terceira idade.

Na doença, para além dos medicamentos distribuídos e que orçaram em 121.500\$00, acudimos a trabalhadores com baixa e com pouco para alimentarem as famílias.

O sector da habitação é sempre dos mais contemplados: dividimos 658.450\$00 por uma dúzia de Autoconstrutores e liquidámos, ainda, algumas rendas de casa. Esta partilha tem um valor social extraordinário, especialmente no que toca à Autoconstrução: estimula e produz milagres de que somos testemunhas. No dia em que os responsáveis da vida pública *descerem ao rés-do-chão* com outros olhos e d'alma aberta, com certeza farão por encarar o problema da Habitação doutra forma mais rendível para as famílias, para o País. E até, quem sabe?, reduziriam o supérfluo... em prol deste sector. Não falando já da redução da burocracia e, nestas terras do interior, da falta de loteamentos oficiais infraestruturados, a preços de acordo com as disponibilidades do Autoconstrutor. Se, ecologicamente, é um erro bloquear os ninhos ou pousos da fauna, pior ainda é coarctar um direito que assiste ao cidadão na carta magna da Nação... Isto daria pano para mangas! Ficamos por aqui.

Não temos descuidado os filhos de gente pobre com capacidade para estudarem no Ensino Secundário. Investimos 22.677\$50.

Acudimos, também, a três Conferências Vicentinas, da região, com 180.000\$00. Para além de tudo, cimentámos perseverança na acção.

Liquidámos 14.000\$00, de despesas diversas; e, como é da regra vicentina, entregámos no Conselho Central do Porto da Sociedade de S. Vicente de Paulo o contributo da nossa Conferência do Santíssimo Nome de Jesus: 103.435\$00.

Por tudo que aí vai e pelo muito que, espiritualmente, fica no segredo da relação entre vicentinos e Pobres — a parte de leão — damos graças a Deus.

PARTILHA — Isabel, de algures, manda cinco notas «pedindo uma oração para que Deus nos faça bons e humildes». O costume, da assinante 19177, do Porto. Idem, de Vilares (Vila Franca das Naves). 200\$00 para o leite dum bebé, aqui referido. Cheque da «Avó de Sintra», aumentado de mais três contos que respeitam a Outubro, Novembro e Dezembro. Mais, de Santa Cruz do Douro. Mais, do Fundão, com abraços que retribuimos. Mais ainda, da esposa de um dos melhores cardiologistas do País, vinte notas. «Uma assinante de Paço de Arcos», com «saudações fraternas», a partilha de Novembro e Dezembro e um pedido: «Referência anónima n'O GAIATO é suficiente para saber que foi recebida, pois agradecimentos não me parecem que façam parte da partilha dos cristãos». Presença da assinante 9550, do Porto. Mil escudos, de «Velha Amiga da Figueira» e um pedido: «Não se esqueçam de mim. Não tenho ninguém. Assim, só rezarão por mim aqueles a quem eu, embora modestamente, poderei ajudar».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

CATEQUESE — Este ano há mais grupos de catequese e mais catequistas.

A D. Virgínia, que está muito doente, ainda faz um esforço.

Há mais força de vontade e alguns rapazes já se ofereceram para ajudar na Catequese. É bom para os mais pequenos, que ficam contentes pela ajuda dos mais velhos. Alguns rapazes preparam-se para a primeira Comunhão. Outros, para a Profissão de Fé.

Desejo a todos uma boa continuação.

DESPORTO — Não temos realizado desafios de futebol nem treinos por falta de chuteiras, equipamentos e bolas.

Mais uma vez pedimos aos nossos estimados leitores a vossa ajuda se for possível.

Aqui ficam os nossos agradecimentos.

CARAS NOVAS — No mês anterior acolhemos mais três rapazes: Dois irmãos, do Porto; e outro, de que ainda não tenho os pormenores.

Esperamos que tenham encontrado no nosso meio uma vida melhor e mais sã; eles vêm do nada, não sabem o que é a vida. Por isso, nos primeiros dias têm dificuldades ao entrarem numa vida diferente.

GADO — Está em alta forma! Ultimamente não têm acontecido casos graves. As vacas e os porcos estão a produzir cada vez mais. É bom para todos nós...

No sábado, 27 de Janeiro, de manhã, um grupo dos nossos estudantes foram encarregados da matança de 94 frangos para a nossa alimentação diária.

«Andorinha»

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — É com alegria que agradecemos ao Padre Telmo a hora em que nos convidou para sermos vicentinos. Na altura ficámos um pouco indecisos se seríamos capazes de cumprir tal tarefa. Quando nos foi apresentada a família que teríamos de visitar, as lágrimas vieram-nos aos olhos. Como era possível aquela família viver naquelas condições?! Passaram já 4 anos e tentámos mudar, com ajuda dos nossos amigos leitores, a vida dos irmãos mais carenciados, principalmente aqueles que visitamos. Eles são para nós como uma família, quando os visitamos; é com carinho que eles nos recebem.

A visita aos nossos Pobres é para nós um enriquecimento espiritual. Nós, como vicentinos, quanto mais adquirimos a vocação vicentina, maior é a fraternidade entre os confrades. Para esta determinação, a assiduidade das nossas reuniões, onde cada um expõe o seu pensamento acompanhado da visita aos Pobres é o elo que nos liga e dá força para nos sentirmos uma família unida.

O vicentino tem que viver cada vez mais a vida cristã, porque, assim sendo, também é maior o nosso conceito sobre a vida de confrade. Isto é, quanto mais estivermos ligados a Cristo e ao Evangelho, maior é a nossa vocação.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Desde já pedimos desculpa aos nossos amigos por tardarmos a dar resposta às vossas cartas. Da assinante 47167, recebemos 2 cheques de 7.000\$00, com a seguinte mensagem: «Faço aqui votos para que aquele Menino Jesus que nasceu (que era e é dono de todas as riquezas do mundo) cresceu, morreu e ressuscitou, para dar a Vida Eterna, esteja no meio de todos os que trabalham para a Conferência de S. Francisco de Assis e os Pobres, com o seu grande Amor, Paz e Alegria no dia-a-dia e vos traga um novo Ano muito próspero, principalmente espiritual. Abençoe a vossa saúde e renove as forças de cada um em cada uma das tarefas, pois Deus nunca abandona aqueles que n'Ele confiam!» Anónima, 1.000\$00; encomenda de Maria Vilhena; assinante, de Espinho, 1.000\$00; assinante 32436, 750\$00; 5.000\$00 para ajuda de alguém em dificuldades; amiga Vicentina, 10.000\$00; assinante 6970, 2.000\$00; Professora reformada, 5.000\$00; anónimo, 1.000\$00; Leite para as gémeas, 2.000\$00; anónimo, do Algarve, 5.000\$00; Irmã em Cristo, Maria Bernadete, 20.000\$000; da assinante 47158, da Figueira da Foz, recebemos a encomenda; assinante 80471, 2.200\$00; Nuno André, Nuno Jorge, de Coimbra, 12.000\$00; Armandina Ferreira, 25.000\$00.

Bem hajam e Deus vos guarde e guie no pensamento e no caminho cristão.

Casal Vicentino



Américo José, filho da Alzira e do Sampaio (que foi da Casa do Gaiato de Benguela).

COOPERATIVA DE HABITAÇÃO ECONÓMICA DOS GAIATOS

Milhares de telespectadores viram e ouviram reportagens apresentadas por diversos locutores da TV em locais onde decorriam festas de passagem de ano. Tudo muito bonito. Toda a gente muito alegre.

No entanto, na reportagem de certa localidade, quando revelaram que na preparação da festa se gastaram trezentos e tal mil contos — só para fogo de artifício 50 mil contos — ficámos o resto da noite num estado de tristeza.

Dias antes enviámos para o nosso jornal uma pequena crónica onde lamentávamos a dificuldade dos mais pobres conseguirem habitação

própria. No momento em que ouvimos a dita notícia e lembrámos a crónica, a nossa primeira reacção foi considerar esses gastos uma afronta para todos os nossos irmãos que vivem em péssimas condições de habitação. Gastarem-se trezentos mil contos em festas e foguetes — meu Deus! — é muito dinheiro! Quantos chefes de família poderiam, com essa verba, construir a sua casa!?

É possível que um ou outro pense estarmos em erro, mas é a nossa opinião.

OFERTAS — Para a «conta especial» da Cooperativa recebemos 10.000\$00 duma anónima, de Fiães (Feira). Muito obrigado e votos de felicidades para 1990. Aliás, extensivos a todos os Amigos da Obra da Rua.

Carlos Gonçalves



RETALHOS DE VIDA

SIMÃO

O meu nome é José Simão Ferreira Ribeiro. Sou conhecido por «Michael».

Nasci no Porto, no dia 28 de Outubro.

Estou na Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, há um ano.

A minha família não me podia sustentar a mim e ao meu irmão Sílvio. E a minha mãe levou-nos para a casa da minha tia. Passados alguns dias, ela pôs-me na rua. Nós fomos de Paredes até ao Porto a pé e pedimos de comer. Chegamos ao Porto, a minha mãe estava a trabalhar.

Eu vim, para cá, porque não tinha que comer nem onde dormir. Quando for grande quero ser cantor porque é uma profissão boa, viaja-se muito (até para o estrangeiro) e eu gosto de passear.

José Simão Ferreira Ribeiro

TRIBUNA DE COIMBRA

Ainda andamos a saborear o doce das prendas de Natal. Foram tantas e tão doces que quisemos partilhar convosco esta doçura e todos bendizemos Senhor que nos ensina a partilhar a vida.

Um engenheiro, de Coimbra, veio com dez contos; uma senhora, com dois; outra, com um e cem; ainda outra, com dez; senhora, de Ceira, com mil e quinhentos; um anónimo foi levar vinte e cinco ao nosso Lar; Amiga, da Figueira, a lembrar o marido que fazia oitenta e um anos; mãe e filha a recordar o marido e o pai; dois mil, de Luso, para as boroinhas. As nossas boroinhas caseiras são sempre tão saboras! Há amigos que vêm de propósito connosco saboreá-las.

Oito mil, por alma do marido e do pai; 12.375\$00, de Tondela; mais três mil, mais dois mil, mais três mil, mais dois mil e quinhentos, mais mil, mais cinco mil, de Coimbra; mais cinco, de Penacova; o mesmo, da Figueira; cinquenta, de sacerdote da Serra que aparece muitas vezes; também da Serra, casal nos cinquenta anos. Deus os conserve unidos no amor.

Cinco, de senhora, do Porto; cinco, mais dois, mais mil e quinhentos, mais dois, mais mil, de Mira; cinquenta, de sacerdote, em Coimbra; trinta mil, da Junta de Freguesia da Sé Nova. É a nossa Junta. Vinte e cinco, mais cinco, mais dez, mais quinze, mais vinte e cinco, mais quatro, mais cinco, mais dez, de Coimbra; cinco, em reunião; três mil e um porco já prontinho para comer, de Chãs — Leiria; vinte, de S. Martinho do Bispo; dez, de professora; cinco, de Cantanhede; uma mão cheia de envelopes na Casa do Castelo; cinco, de Castelo Branco; três, de Cantanhede; mil, de Gouveia; dois mil, de Quiaios; dois mil, de Cruz Quebrada; mil, de Semide; cinco, de Condeixa; cinco, da Figueira; mil, mais cinco, mais quinze, mais dez, mais quatro, de Coimbra.

Três, de senhora vizinha; mil, de Setúbal; dez, da Parede; setecentos, de Mortágua; dez, de Cebolais de Cima, de casal que aparece há muitos anos; a Amiga, de Alcochete; 42.800\$00 da Escola Secundária de Aveiro; 2.400\$00, de Lisboa; 2.242\$00, da Escola de Proença-a-Nova; cinco, de Souselas; três,

mais cinco, da Covilhã; dez, de velha amiga, de Castelo Branco; cinco, pelo marido; vinte, pelo pai; vinte, da Figueira; sete e quinhentos, da Mealhada; duas caixas de bacalhau de um dos nossos; cinco, de Portimão, sete, de S. Jorge; mil, da Palheira; o casal das Meãs; mil, de Leiria; quatro, de Vila Rosendo; dez, mais mil, de Pombal; dez, de Anadia; mil e quinhentos, de Carcavelos; cinco, de Seia; dois e quinhentos, de Amadora.

Nove e duzentos, dos lobitos da Figueira; dez, de Luso; sessenta, da Covilhã; três, de Braga; dois, de Fiães; dois, de Chão de Lamas; 150 francos, do amigo Manuel; cento e cinquenta, de Coimbra; dois e quinhentos, da Auto-Industrial; seis, de Brasfemes; mil e quinhentos, de Ponte Velha; trinta, da Pragueira; dez, da Conferência Vicentina de Cantanhede; cinco, mais quatro,

mais dois e meio, da Lousã; cinquenta, de professor, de Castelo Branco; cinco, mais dois, de Cabacos; cinco, mais quinhentos, mais dez, de Tomar; cinco, de Arganil; visitantes de Góis com vinte e cinco; mil e quinhentos, dos Carvalhos; 2.500\$00, de Oliveira do Hospital; cinco, de Eira Pedrinha; três, de Lagarteira; sessenta, de Santa Cita e todos os pintos que lhes pedimos; sessenta e cinco, de Farmácia, de Coimbra; mais uma mão cheia de envelopes na Casa do Castelo; dois envelopes na lojinha do Fernando; vinte e cinco e mimos, de uma fábrica.

Cento e vinte mil, da Secretaria das Agências Funerárias de Coimbra; dez, de Mogofores; 500\$00, de Lemed; três, de Soure; dois, de Seia; sete, de Sertã; cinco, de Castanheira de Pera; três, de Oliveira de Azeméis; cinco, de Praia de

Mira; 4.300\$00, de café de Poiães; 100 dólares, do Canadá; vinte, de vizinho; um par de calçado para cada um, que vizinho nos costuma oferecer todos os anos; cem, de Amiga, da Lousã; dez, de casal muito amigo e a notícia do terceiro filho que vai nascer. Que seja mais uma bênção de Deus.

Um grupo de amigos, de Leiria, com seis; cinco, de S. João da Pesqueira; dez, dum dos nossos; 3500\$00, de Almeirim; 6500\$00 abandonados em Lisboa; mil, de Montemor; três, em Mogadouro; sessenta, de Amigo vizinho; duas vezes vinte, da Golegã; dois, de Areosa do Sul; mil, de Aldeia dos Dez; dez, ao vendedor de Tomar; todos os Amigos que foram ao nosso Lar de Coimbra; todos, e foram tantos, os que vieram a nossa Casa. Todos bem unidos continuaremos a viver o bem da nossa vida e o Natal será sempre Natal.

Padre Horácio

DOCTRINA



• Acabo mesmo de chegar de fora, com recados dos doentes de Lavos, onde fui completar com os meus, os teus passos e canseiras no arranjo de encomendas de casa, que para eles vieram pelo correio, pela camioneta, por mão, todas feitas da mesma ideia e do mesmo pensamento. Não há palavra no mundo mais variada nem mais fecunda do que aquela que procede dos corações. Os infinitos nadinhas que chegaram dentro de uma semana, eram palavras tuas para aqueles heróis do sofrimento: taças de marmelada, pintas de azeite, paus de chocolate, maçãs grandes e lindas, peras de estimação, farinha de trigo, linho do bragal, fruta secada ao sol... Dei o teu recado e trago recados.

• O Zé Maria apoia o seu mal num sorriso macio, de calma infinita. Nunca se queixa, nada pede, tudo aceita. Uma rapariga do lugar vem-lhe ler o Evangelho, que ele não sabe letras — «fui prò mar aos onze anos» — e gosta de saborear as palavras que foram ditas pelo Senhor *naquele tempo*. As grandes ausências que a mãe faz na volta da sardinha, seu ganha-vida, nem sequer perturbam a marcha do herói desconjuntado. Ele não tem exigências nem urgências; é homem que se basta e que se realiza e o medo não lhe mete medo. «Deus guarda-me», diz, numa confiança sem fim.

• Abri o cesto e tirei coisas, dizendo o nome e a história de cada uma delas. Foi este momento em que tu falaste ao Zé Maria, com palavras tuas, variadas, fecundas, raízes presas no coração; e deixei ficar todo o vocabulário sobre a mesinha do doente, no alinhio irrepreensível da choupana. Fora da porta está a barraca da Amélia, uma pequena de dezasseis, mai-la mãe e outra irmã. «O nosso irmão tem um vinho muito mau» e, às vezes, têm, mãe e filha, de fugir de noite com a doente nos braços para a areia do mar por causa do vinho que o irmão traz! A doença da pequena vê-se por fora, implacável. Uma rodilha branca, suspensa no catre, enxuga a expectoração de sangue! As frinças do casebre deixam ver sol e estrelas. E, quando aponte o Céu à doente, como única Esperança no mundo, ela disse-me que sim, retirando de sob a almofada as contas de rezar!

D. Amén. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2.º vol.)

PATRIMÓNIO DOS POBRES

• No Domingo, ao princípio da tarde, fui ver a casa toda restaurada e a família pobre que é dona e a habita. Estava toda a família. Dois dos filhos brincavam cá fora, embulhados em sacos rebolando na areia. O mais velho andava em calções de banho a correr de um lado para o outro. O mais novo estava dentro de casa e olhava para a mãe. A menina, que fazia nesse dia dois anos, andava sujinha atrás da mãe.

Fiquei a olhar para todo aquele quadro. A casa nova ainda não começou a renovar muito aquela família. A cama dos pais, a da menina e a dos quatro meninos estavam compostas. O resto da casa estava totalmente nu. Para festejar os anos da menina havia uma panela de arroz com galinha, um garraão de vinho e dois bolos que pessoa amiga lhes tinha oferecido.

A mãe começou, nessa hora, a lavar os filhos e a vesti-los. Era domingo, às duas horas da tarde. O resto do dia seria para festejar os anos da menina. Uma festa de anos naquela família.

A moradia que só tinha cozinha e quarto ficou agora com cozinha, sala de jantar, três quartos, casa de banho e um sótão. Ficou muito airosa. Custou a acabar. Um vizinho deu cem contos e outros amigos ajudaram. Resta a todos

a esperança da formação daquela família. Não podemos ficar alheios a esta formação. A casa nova só não basta.

• Um pároco veio de longe, do cimo da serra. Trazia mais quatro feridas no coração. Já curou algumas na sua paróquia.

A primeira é a situação de um trabalhador humilde, com dois filhos pequenos e com a casa parada. Começou mas não foi capaz de continuar.

A segunda é a de um casal de reformados. Vivem numa barraca. Precisam do telhado, casa de banho e luz.

A terceira — dois irmãos deficientes que herdaram dos pais a moradia sem condições de habitação.

A quarta é a de uma família num palheiro e num lago. Querem dividir e fazer um arranjo: casa de banho, telhado e luz.

Levou quatrocentos contos para ajudar a cicatrizar estas feridas e partiu com a esperança da cura. Continuamos a rezar o Terço e pedimos ao Pai e à Mãe do Céu que animem todos os pastores

de almas a inquietar-se com a habitação daqueles que lhes estão confiados. Há tantas feridas por esse Portugal fora que já não sangram!

• Hoje vi alguém a bater à porta dum barracão. Julgava que aquilo era só curral para animais e tive de acreditar que era habitação para pessoas. A dona veio à porta e ali ficou algum tempo. Parecia serena, habituada àquela situação. Disse que o marido era pedreiro, mas andava sempre a ganhar o pão.

Aquele barracão é só de pedras sobre pedras. Não tem qualquer vidraça. Junto a uma das portas, um monte de mato, sinal de curral de gado. Ambiente de estercor.

Regressei a casa mais preocupado com o viver de tantos irmãos que vivem assim. Com vontade de gritar àqueles que vivem bem, para que olhem e se inquietem com os que vivem mal.

É isto que desejamos fazer.

Padre Horácio

NOTAS DA QUINZENA

Cont. da pág. 1

Mais. Fizeram-se buscas. Alertaram-se as autoridades e as pessoas que intervieram. Em vão. O «Grilo» ficou entregue, de novo, à sua sorte. O silêncio e a passividade das autoridades judiciais são cúmplices desta desgraça. Em nome de quê? Falta a coragem para levar a lei até ao fim. Vejamos.

Há três semanas, a G. N. R., de Paço de Sousa, trouxe o recado dum telefonema da esquadra da P. S. P., de Campanhã, Porto, a comunicar que tinha sido encontrado um garoto, da Casa do Gaiato. Desconhecia, pois não dei conta de qualquer fuga ou ausência no momento.

Que experiência! Corri para o telefone. Era o Sérgio. O «Grilo», de Ul, Oliveira de Azeméis. O que tinha sido levado pelo pai, há mais de um ano. Não havia dúvidas. Agora, que viesse, a porta estava aberta.

Interessante: O pequeno não disse

às Autoridades que era da casa da sua família carnal. Não. Era da Casa do Gaiato, onde estivera, apenas, seis meses. Um ano depois de ter saído...

Os responsáveis dos Tribunais de Menores e outros não encontrarão neste pormenor luz para agir com decisão e sem complexos a favor do acatamento que diz respeito a menores.

Era ao fim da tarde, já noite. O jantar estava no fim. O Sérgio entra no refeitório, de surpresa. Palmas e gritos: «Olha ó Sérgio! Olha ó Sérgio!» Demos-lhe um abraço de boas-vindas. Traz um olho pisado dum «surra» que o pai lhe deu. Com as marcas do abandono bem patentes no cabelo comprido e desganhado; de casaco pelos joelhos e calças a chegar aos tacões de sapatos velhos; de rosto estranho e olhos vazios, o Sérgio regressava a sua Casa.

Deixem-no crescer em paz.

Padre Manuel António

CONVENÇÃO INTERNACIONAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA

Cont. da pág. 1

Que assim seja no mundo e também «neste jardim à beira mar plantado» que ainda não assinou a Convenção e bem urge que o faça. Que o faça com decisão, coragem e humildade, aceitando «ajuda para fortalecer suas próprias legislações e a capacidade física para cumprir o que determina a Convenção», como se dispõe prestá-la a Unicef àqueles países que a solicitem.

É que às vezes sopram por aí messianismos que não passam de vento de autosuficiência e de vaidade ao serviço de interesses que não os da criança à espera da resposta aos seus direitos. Ela, sim, só ela «merece o melhor que a humanidade tem para dar».

Padre Carlos

SETÚBAL

Alguém me contava o custo de uma festança para os lados do Estoril no valor de mais de sessenta mil contos e, não sei se desta, se doutra, um sacerdote se recusou a participar. O escândalo do número de carros de marca que por aí circulam num esbanjamento de bens que deviam ter função social é afronta revoltante à pobreza que acabrunha e desfaz famílias sem conta e igualmente acicate da indignação e tristeza deste nosso amigo.

Há dias fui encontrar, numa barquinha junto ao hospital, uma jovem mãe de quatro filhos e segundo marido com um bebé de um mês, sem leite e jornais a suprirem as fraldas, mais a sua irmãzinha de 17 meses a alimentar-se de água com açúcar. Era quase meia-dia, numa semana de chuva sem interrupção.

Ao dar notícia do muito que chegou à Casa do Gaiato no passado Natal e do conforto que as ajudas nos trouxeram, quero também anunciar que há, por aí, boa gente instalada e de olhos fechados à cadência dos outros, a dizer que a

Casa do Gaiato já não precisa.

Muitos antigos Gaiatos marcaram presença, junto de nós, com três, cinco e cem contos. Preciosos frutos de inigualável valor. Bolos, e sobretudo o rei deles, fartaram os rapazes e alguns pobres durante muitos dias.

De Mira d' Aire vieram colchas, cobertas e calçado. De Leiria, botas de borracha que nos fazem um jeitão; e da Benedita ténis desportivos que são a alegria da «malta». A D. Luzia fez uma campanha angariando o que, normalmente, não nos dão: meias, trezentos e noventa pares; «biquínis», cento e setenta e cinco novos e vinte e quatro usados.

Muitos assinantes aproveitaram a época para pagar a sua assinatura e quase todos ultrapassaram o custo material do «Famoso».

Grupo Pai Nosso, vinte contos. O mesmo de Fernando, Jorge, Rita de Cassia, Maria Antónia, Antonina, Teodoro e duas vezes de quem nos fornece o vinagre. Mil, de António Jacinto. Vinte e cinco, do José Duarte, Maria Fernanda, Ana Maria, Santos Rodrigues e

Maria Ercília. Cinquenta, de Beja, Almada, Setúbal, anónimo e Quinta do Conde. Cinco, da Silvina, Rosalina, Maria Rosa, Isabel, António, Francisco, com lençóis para a casa-mãe, Lucília, Domingas, Victória e Tereza, Maria do Rosário, assinante número 18429, Óscar, Rui, Alcides, Maria das Dores, de Algueirão, Luísa, por alma dos pais, Maria José, José Francisco, Maria de Lourdes, Maria Helena, Zamite com garrafas e rebuçados, Nazaré, Ramiro, Maria da Conceição, João, parte de um subsídio de Natal, Domingos duas vezes, de Torres Vedras e M. M. do Porto. Dez, de um vicentino, António Pereira, António Júlio, Blandina, Ilídia, Maria Alice, Francisco, Guilherme, Luís, Baltazar, Valentim, Josefina, Margarida, Joana, Joaquina, José, João, do Porto, Rogélia, Francelino, Quinta do Anjo, Floripes, Comunidades Religiosas, Fernanda, Álvaro, Vicente, Maria Ercília, Irene, Tody-Stand, do Andorinha, de Cascais, com duas caixas de peixe fresquinho, por um vendedor de Palmela e por outro de Setúbal; Helena, Maria Marta.

Trinta e cinco, da Amadora. Setecentos, do Bazar de Natal das Senhoras Escandinavas. Quinhentos, do Governo Civil. Idem, da Feira da Ladra do Lyons Club de Setúbal. Quinze contos «para os amiguinhos da Casa do Gaiato» e o mesmo num envelope fechado e da Sãozinha. Dum Engenheiro, cem e a mesma quantia, da Júlia, do Gil, da Maria Margarida, de um advogado que aparece para respirar o ar puro do Evangelho, mais cento e vinte cinco da Maria da Conceição. Grupo de S. Julião do Tojal, vinte e um mil e setecentos escudos. Do Seixal, em peregrinação natalícia, cento e sessenta e oito mil oitocentos e cinquenta escudos. Gente da Quinta do Perú, oitenta e cinco mil e duzentos escudos. Jovens da Mexilhoeira Grande e Figueira, oito mil cento e quarenta escudos. De GREVENERSTR o meu amigo André aparece mensalmente com dezassete mil duzentos e quarenta e um escudos; de SCHWELM, quarenta e nove mil e oitenta e três escudos e três mil escudos de S. Diogo — Califórnia.

Ford Electrónica, trezentos contos. No início da sua implantação em Portugal desejamos que seja fecunda em pão e paz para todos. É gente bem intencionada que move o arranque. De outra firma americana, mil e quinhentos dólares. De empresa de navegação, duzentos e cinquenta, e de outra, quarenta. Da Cargil, de Lisboa, cento e cinquenta contos. Trabalhadores de Crismetal, vinte e um mil e setecentos escudos. Trabalhadores do Centro Regional de S. Social de Setúbal, quarenta e quatro mil e quatrocentos e onze escudos e cinquenta centavos; os mesmos da Pousada de Palmela, dezassete mil escudos; e da Portucel e empreiteiros rentinho às duas centenas de contos. Escola número um, de Setúbal, cinco mil escudos; número nove, dois mil duzentos e quarenta escudos. Escola do Alfeite: roupas, mercearias e mil e quinhentos escudos.

Renúncias de Natal, sete mil escudos. Se todos deixássemos as prendas e nos virássemos para as necessidades dos Pobres, o Natal marcar-nos-ia muito mais em alegrias indeléveis.

Vieram alguns subsídios de Natal, alguns aumentos de magras reformas e alguns reduzidos primeiros ordenados. Gente que acredita no Reino de Deus que Jesus pregou, o experimenta e o espera ansiosamente. Um casal amigo mandou um cheque de setenta e cinco, e outro, de Aveiro, que nunca nos esquece, acompanha a inflação, este ano, com cento e setenta e cinco contos.

No altar de todos os dias, damos graças a Deus, renovamos o nosso voto de servir os Pobres e nos estimulamos a prosseguir

Padre Aclio

Aqui, Lisboa!

Cont. da página 1

e a despropósito, indicando os caminhos da rectidão, sem perder as esperanças da viragem no comportamento, aliás objectivo nem sempre conseguido. São dores de parto que temos de assumir, por mais que sangremos por dentro, com um sorriso nos lábios, como se tudo corresse da melhor maneira.

Comungar com os leitores os nossos altos e baixos é uma obrigação. Nós somos a seara imensa do trigo e do joio, como referiu Pai Américo. Portanto, como é óbvio, nem tudo são rosas, que, às vezes, para as colher, é necessário sentir os espinhos na carne.

Vem tudo isto a propósito de uma série de roubos havidos cá em Casa, nos últimos tempos, que muito nos desgostaram, o que embora não seja inédito, não podem deixar-nos conformados. Sim, que com Pai Américo nós queremos «rapazes honestos», que «não é só não roubar» mas «é também não mentir». De resto, quem rouba, mesmo que não seja descoberto, se tiver consciência, há-de reconhecer-se ladrão e, embora possa iludir os homens, não enganará a Deus que tudo sabe e conhece. Só me resta, ainda com Pai Américo, lembrar que «naquela mesma hora em que se furta, nessa mesma se contrai a obrigação de restituir».

CAPELA — Ainda não sabemos quando será a inauguração, mas já vislumbramos a hora final, embora os acabamentos sejam, por natureza, morosos.

Como aqui referimos, a Capela será dedicada à Senhora da Conceição. A imagem da Padroeira está neste momento em restauro, nas mãos dum Casal de artistas especializados, enquanto temos já entre nós o material de som — oferta de Amigo de primeira água. Entretanto, continuam a chegar objectos valiosos para as alfaias. Bem hajam todos.

ROUPAS — Têm-nos chegado em doses industriais, o que nos causa sérios embaraços. Muita tem seguido para os antigos territórios de África, não sabendo o que fazer à restante. Por isso, esperamos que não nos considerem mal agradecidos ou soberbos ao solicitar que não nos tragam ou mandem mais. Se precisarmos, diremos nestas colunas. Obrigado.

Padre Luiz

Padre Telmo



Gaiato

Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Galato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 952285
Folocomp. e Imp. offset: Escolas Gráficas da Casa do Galato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 50078896

ENCONTROS

Chuva, chuva e mais chuva... Este ano é assunto de conversa e de muitas preocupações. Um significativo número de agricultores está mais pobre. Olham com algum desalento os campos e, amadurecidos pela experiência que lhes diz que não têm portas largas onde possam bater, metem mãos ao trabalho e tentam despertar a Primavera.

Na nossa quinta são visíveis os sinais da chuva e a nossa casa também ficou com algumas marcas. Há outros aspectos, não menos importantes, embora invisíveis, que marcam a vida na nossa Casa. É exemplo disso o facto de os rapazes não poderem ir jogar para o campo, correr na quinta. No fundo, descarregar energias ao ar livre. Quando chove, alimento sempre um íntimo desejo de ver publicado um decretozito com os seguintes dizeres: «É proibido chover nas Casas do Gaiato». Não se pense que não gosto da chuva! Nada disso! Sinto é uma certa mágoa de ver os miúdos a acotovelarem-se uns aos outros, e as senhoras a dizerem que as casas ficaram de pernas para o ar; não falando nas gripes em cadeia que, depois, é preciso curar. O decretozito evitaria estas coisas e também a ladaíña constante: «Não andem à chuva», «saíam da chuva»...

Num belo dia de chuva, quatro miúdos brincavam ao bogalho, mesmo em frente do refeitório. Eram o «Gatinho» mais velho, o Lúcio Flávio, Virgílio Pedro e o Nelson César. Ralhei com eles. Notei, pela reacção, que os meus argumentos não foram convincentes e, logo que voltei costas, foram continuar o jogo para junto das escolas, já longe da minha vista. Segui-os e comecei a atravessar o corredor, todo inflamado, preparando-me para lhes dar uma solene reprimenda.

O corredor é muito comprido. Dá tempo a que aconteçam coisas... A meio, tive um encontro inesperado: apareceu a minha infância. Voltei para trás e senti-me sereno. Um miúdo perguntou-me: «Esqueceu-se de alguma coisa?» «Não — respondi. — Lembrei-me de algo muito importante». Segui o meu caminho. Recordei o gosto que sempre tive em experimentar os elementos da Natureza: a água, o sol, o luar, o azul do céu, o mar, os montes, a neve. Revi todo o prazer sereno que as horas gastas na contemplação desses elementos me trouxeram.

Sei que as recordações de infância não podem ser arvoradas em teses pedagógicas. Sei, igualmente, que uma viagem crítica à nossa infância nos pode ajudar a ver melhor as nossas formas de actuar, sobretudo quando temos que educar de cor, isto é, com o coração, segundo nos lembra Pai Américo. Metido nestas divagações, veio-me à mente o testamento de Paulo VI em que este grande Papa pedia perdão por não ter tido tempo e paciência para contemplar a obra da Criação nas suas múltiplas facetas. Revi igualmente a proposta de João Paulo II para o dia mundial da Paz. Tive vontade de correr e reler o Cântico das Criaturas de Francisco de Assis.

Claro que não apreciei o acto de desobediência dos quatro miúdos. Acontece, porém, que, embalado pela minha infância e acompanhado por dois Papas e um Santo, o meu ralho transformou-se em prece silenciosa a Deus Criador: «Senhor, obrigado pela Natureza, obra das Vossas mãos... Obrigado por teres criado o homem, único ser capaz de contemplar e transformar o mundo da Criação. Dá-nos a sabedoria necessária para conservarmos e melhorarmos, se possível, esta terra que nos serve de morada. Cria, nestes miúdos, o gosto pela Tua obra criadora e que, um dia, já crescidos, prefiram os lugares sadios, cheios de luz e ar e não se deixem ludibriar pela barraca, a taberna, a sujidade e outros sítios onde a vida humana se degrada».

Padre Manuel Cristóvão

PARTILHANDO

Janeiro 10

Há qualquer mundo inacessível, como escarpas de montanha, nos olhos indiferentes e mudos do Claudino. Só uma técnica de alpinista e, cuidadosa, não vão os calhaus redondos rolar pela ribanceira.

Lá na terra, roubava bicicletas e faltava à escola.

A sua paixão de «voar» numa bicicleta!

Que teria acontecido se os habitantes do bairro lhe tivessem oferecido uma?

Não o fizeram; antes, cheios de brilhos reuniram esforços e remeteram-no à Casa do Gaiato.

Tem quinze anos, veio com a primeira classe e anda, agora, na terceira. Seus olhos meigos e receosos continuam vazios.

— Teu pai, às vezes...

— Embebedava-se e batia na minha mãe — disse ele.

— Antes de ir para à escola tomavas sempre o pequeno-almoço? — perguntei.

Umas vezes comia pão; outras, sopas de vinho; e algumas, nada.

Por aqui deviam ter começado — o sr. Padre, a assistente social e os cristãos do bairro.

Não seria muito difícil pôr leite quente naquela mesa, todas as manhãs... Tanto mais que, na festa do Santo, o bairro queima, todos os anos, centenas de contos.

E é o «leite quente» o verdadeiro sinal da presença do Senhor e do Evangelho.

☆

Janeiro 18

Primeiro foi um pico no pé; depois, uma cortadela (quase invisível) num dedo; a seguir, um dente, com uma cara de quem não sabe o que é uma dor de dentes; e sempre. Na hora dos curativos, lá está o nosso Faustino com semblante sério e uns olhos ansiosos como quando se procura um ninho.

Ele vem à procura dum gesto, dum palavra, dum aconchego. Sente um vazio... Faltou alguma coisa no seu coração de menino:

Um beijo que se perdeu e não chegou à sua face; o calor saboroso dum regaço de mãe.

Há dias perguntei porque tinha vindo e respondeu: «Portava-me muito mal». E acrescentou: «Também lá em casa era eu que pagava tudo».

Cansado de pagar dívidas aos seus 11 irmãos, a sua reacção para o mal tornou-se natural e contínua.

A sede de carinho que ele sente é como uma semente amorosa que vai dar muitos frutos.

Agora, quando ele não aparece, tenho a impressão de que a salinha dos curativos fica vazia. Fazem falta aqueles dois olhos atirados aos galhos dum castanheiro — à procura dum ninho.